

POLIANTÉIA EM

MEMÓRIA DE

HELIODORO BALBI

ORGANIZADA PELO

PRÊMIO CULTURAL "HELIODORO BALBI"



MANAUS 1945

POLIANTEIA EM

MEMÓRIA

DE HELIODORO

BALBI

ORGANIZADA PELO

GRÊMIO CULTURAL "HELIODORO BALBI"



MANAUS 1945



MEGA PUBLICA DE 1921
Is. 182
Sub. No. 1189
de Classific.
E. 11 11 1924



HELIODORO BALBI

Durante a Febre

Morrer! e ser lançado ao mar, no mar do Oriente...
No teu dorso senil, ondas do mar Vermelho!
E no dellúvio real do teu líquido espelho
Ir a Morte arrastando o meu corpo inda quente...

Meu loiro sonho! minha pobre alma! meu velho
Tronco! a flutuarem dentre os juncaes da corrente...
E debater-me em vão! como em vão, loucamente,
No aranhól se debate um áureo escaravelho!

No alto do céu radioso o ocaso dos Oceanos...
Meu sangue a jorrar pondo vermelhas estrias
Na garganta de luz dos esqualos e goelanos...

E eu só! e eu mudo! a rodopiar em caracóes!
Tendo, através as rubras órbitas vazias,
A ilusão imortal de um combate de sóes...

HELIODORO BALBI

FLOR DE PEDRA

Ó voi ch'avete gl'intelletri sani
Mirate la dottrina che s'ascendo
Sotto il velame delli versi strani.

DANTE

Esta, por ser talhada em pedra fria,
Talvez, senhora, menos vos agrade.
— Talhou-a o fogo ideal da fantasia
No mármore pagão da egrégia Hellade.

Um dia o artista, olhando um bloco, sente
A alva syrma dos sonhos a segui-lo,
E, sem pensar, alucinadamente,
Pega do bloco e crava-lhe o antifímilo.

Frangido, a mão nervosa rasga e aviva
O traço, que o circunda e cinge em torno,
E vê, pasmado, a curva de uma ogiva
Na branca cinzeadura de um contórno.

De novo o bloco escinde e, pontilhando
O enizo, ergue o pistilo á luz radiosa,
E avulta, ao ver um sol agonizando
No cinto enriz de um cinto de rosa...

Alma, já rólta a fibra, o caule desce
Sutil, rolando em balbucio de onda,
E, entre pompas, viceja e transfloresce
O máis rijo o bloco se arredonda.

Aí, brunindo a aresta branca e lisa
Das fo'has, (que as talhara iguais a trevo)
Levanta a mão, graciosamente e frisa
A linha dos relêvos num relêvo.

E volta á luz, estonteante, e presa
De brancura do mármore risinho,
A flôr, que encerra em si toda a beleza
Das nevroses do céu e ansias do sonho...

— Losna ou meimendro, venenosa ou santa,
Má! conquista da vida e urna da morte,
(Exclama) teu primor meu braço espanta...
Nun a meu braço mais a pedra corte.

Nas fúrcas, o artista nesse instante
Que se a flôr e do mármore renega,
Pois não lhe dera a natureza amante
O estuoso aroma da giesta grega.

A flôr de pedra é como o verso: toma
O supremo lavor que o fere e anima,
Mas neste, o sentimento é como o aroma:
Foge rindo e cantando á flôr da rima.

Pede, senhora, um canto... e o plectro firo.
Que se a emoção suprema na beleza...
Por isso o plectro despedaço e atiro
Ao céu o grito de — ÓDIO Á NATUREZA!

HELIODORO BALBI



P

Um belo ideal, um grande esforço, uma luta constante — eis o GRÊMIO CULTURAL “HELIODORO BALBI” em suas linhas mestras. Produto da ambição intelectual de alguns jovens, que já estão dispersados aos quatro ventos da vida, tem se mantido sempre como um fecundador de espíritos pela continuidade do labor de outros môços, os quais, impelidos ao rodopiar magnetizante das controvérsias culturais e do malabarismo elevado das idéias que se chocam, têm-se formado num ambiente de intelectualismo vibrante, em que as convicções e os pontos de vista são mantidos ou derrotados ao calor dos debates, em que as inteligências se desdobram em conceitos e citações, num sadio combate de opiniões, no qual se empenham os novos espadachins da cultura.

O

Foi uma escolha extraordinária, pelos primeiros gremistas, o nome de Heliodoro Balbi para presidir nossas labutas de espírito. Dizemos tal devido a que, só agora, volvidos anos depois da primeira sessão do Grêmio, podemos contemplar o caminho percorrido e assinalar os vínculos de nossas pegadas no terreno arenoso e implacável; uma verdadeira estepe na qual nos açoitaram os ventos sibilantes do desprezo de uma e parva maioria, os ventos gélidos e corrosivos dos que menoscavavam nossas atividades e procuravam nos fazer desistir da caminhada heróica, as tempestades de areia — que não influíram no nosso esforço granítico — da risota imbecil dos badamêcos coligados em aliança natural; e, pior, a intromissão pérfida da brisa regelante, vinda dos campos devastados, do desencorajamento, que nos derrubou muitos companheiros, ainda não bem formados no exemplo de Heliodoro Balbi, fazendo-os emigrar para as plácidas regiões onde a vida é calma e parada, onde os homens vegetam no anonimato duma existência mediocre. No entanto, como antes ficou dito, a extraordinária escolha de um homem símbolo para nosso patrono, forneceu-nos um exemplo grandioso de coragem, altruísmo e abnegação: sua vida. E foi lá, neste campo fecundo, onde fomos buscar as mudas, formosas de vida, que plantamos em nossa seara, e à sombra das quais, transformadas hoje em frondosas árvores, continuamos nosso trabalho persistente em prol de uma intelectualidade vigorosa, fora do romantismo estéril, dentro da realidade perscrutada pelo poder do espírito.

R

O ponto capital de nossa ação reside hoje nessa poliantéia que ora publicamos. Ela é a oblata da mocidade gremista, que vem, consciente e altiva, depositá-la no altar dos imortais, daqueles que, quando não se perpetuam no bronze rememorativo, estão, no entanto, delineados e esculpido na memória das gerações seguintes, transmitindo, mesmo depois de mortos, através de seus exemplos, o calor da vida, a substancia moral da existência, como Heliodoro Balbi, que constitui um exemplo frisante.

T

Só nos compete agora, que disputamos do esquecimento a memória dêsse amazonense inegalável, pela palavra elegante e verdadeira dos cronistas desta poliantéia, proclamar-lhes, a êsses brilhantes colaboradores intelectuais, o nosso agradecimento comovido, dizendo-lhes, pela voz do coração — que se entende mais do que se ouve — que o Amazonas inteiro está agradecido, pois viu ser feita justiça a um de seus maiores filhos.

I

C

O

"HELIODORO BALBI, filho de Nicoláo Balbi, natural de Manaus, nascido em 16 de Fevereiro de 1876. Fez o curso de humanidades, na sua cidade natal e na capital de Pernambuco, onde, após curso brilhantíssimo, se bacharelou em Direito, tendo sido escolhido orador de sua turma. O discurso, que então proferiu e que se acha impresso, é documento literário impecável pela forma e pela eloquência. Seu nome ficou aureolado, no Recife, entre os mais lídimos talentos da Academia. Fez, ali, muitas publicações nos jornais, entre outras, apreciadas poesias.

Regressando ao Amazonas, prestou concurso para a cadeira de Literatura do Ginásio Amazonense, obtendo o primeiro lugar. Foi nomeado e prestou compromisso, repartindo sua atividade pelo jornalismo, advocacia e magistério. Não foi feliz na política. Seu temperamento de combatente que não admitia tergiversações, privou-o de ser reconhecido deputado federal, cujo direito defendeu pessoalmente, por duas vezes, no Rio de Janeiro, perante a respectiva Câmara. Seu nome não deixava de ser sufragado nos comícios eleitorais da terra amazonense; tudo, porém, sem resultado. Nunca deixou de combater a anarquia administrativa, que viu minar o Amazonas.

HELIODORO BALBI, desenganado da luta partidária, retirou-se para o Acre, a serviço de advocacia. Lá, travou polêmica, na imprensa local, contra os dominadores, em cujas lides faleceu a 26 de Novembro de 1919, nunca desmentindo a nobresa de seu caráter nem a tradição intelectual dos Balbi, de Ragusa (Itália), de que descendia.

(Da COROGRAFIA DO ESTADO DO AMAZONAS, do prof. Agnello Bittencourt).

UM CAMPEADOR AMAZÔNICO:

— HELIODORO BALBI —

NA história política do Amazonas há uma página que fixa em contornos soberbos a fisionomia de uma época. É a que se refere, ainda no princípio deste século, à actuação combativa de Heliodoro Balbi. Quem se der ao trabalho de compulsar-lhe os anais, revolvendo-os e analisando-os detidamente através do papel que desempenharam os seus pró-homens, não conseguirá descobrir um outro nome com as credenciais de valor mental, integridade, independência e desassombro individual capaz de resistir-lhe ao confronto. Poderosa convergadura de preliador, ele tinha o entusiasmo sagrado das causas que defendia. De uma dignidade de pirâmide, as suas palavras e os seus atos revelavam-lhe a sobranceira do caráter, cuja contextura imaculada serviria de padrão às gerações que o sucederam. Temperamento vibrátil, de arrancadas impressivas que o arremessavam a perigosas temeridades, Heliodoro Balbi, que era a bravura em ação, possuía a arte aprimorada de beirar os precipícios sem nêles se precipitar. Forrado de uma intrepidez que atingia as raias da loucura, desafiava impavidamente a vesânia dos potentados, subjugando e abatendo os adversários com os golpes mortais que lhes deslechava o seu verbo incandescente. Vencia-os com galhardia, sem contudo tripudiar sobre os vencidos e sem ostentar a arrogância de certos venedores embriagados pelo triunfo. Vencia-os e despresava-os, sem mais lembrar-lhes as vilanias, postas em prova nos lances de refregas aceradas e atrozes. De natureza generosa, expansiva e exuberante, se não tinha clemência no desarticular as trincheiras inimigas, bombardeando-as com a lógica e a dialética de requisitórios implacáveis, logo se apiedava dos antagonistas que lhe tombavam aos pés,

exhaustos e rechassados. Dir-se-ia que a sua "tangapema de bárbaro, para emprestar a imagem de um escritor nosso, era enfeitada de rosas". Não se arriscava á luta para humilhar quem quer que fôsse, senão em defesa de seus postulados doutrinários. Sempre o encontrei cerrando fileiras nas oposições e combatendo, na tribuna e no jornal, os déspotas e os oligarcas, cujo prestígio se desmoronava ás investidas demolidoras de sua palavra e de sua pena. Ás tentativas de suborno que se ensaiavam para quebrantar-lhe o ímpeto, respondia aumentando a virulência das arremetidas. Não o seduziam as posições de mando. Renunciava a tudo que não estivesse em conformidade com a disciplina de sua ideologia política e o grande estilo de sua estrutura moral. Eu de mim confesso, evocando ainda uma vez a figura preexcelsa do maior amazonense, em todos os tempos, que o meu contacto com Heliodoro Balbi foi uma das raras felicidades que o destino me concedeu. Conheci-o precisamente nêsse período trepidante da história do Amazonas, em que a sua figura extremamente sedutora, aliciava espíritos e corações. Já formado em Direito, abandonava as pugnas académicas, onde a tradição de sua inteligência e de sua cultura se irradiava luminosamente, regressando á terra natal, com a ilusão de pôr um dique regenerador à torrente de opróbrios que a corrompiam e aviltavam. Iniciou-se, portanto, na vida pública antevendo desde logo os riscos da tarefa a enfrentar. Visionando, porém, os aspectos confrangedores da deliquescência generalizada que lhe rebaixava o nível moral, acelerou a sua intervenção profilática, que se fez sentir na imprensa e nos comícios populares, onde o seu verbo tempestuoso escancarava as mazelas e

comburia as úlceras administrativas. As represálias, como seria inevitável, vieram depressa, em jactos purulentos que lhe intentavam desvirtuar a finalidade das atitudes. Revidando como um gigante, não deu tréguas á camarilha mazarliada. E os seus gestos de altiveza e despreendimento apaixonavam os mais apáticos e indiferentes. Quando ainda deputado estadual, renunciou subitamente o mandato, em desagravo a uma deliberação da própria Assembleia Legislativa, que lhe parecia ofensiva á inteireza de suas convicções. Conduzido logo depois ao Parlamento Nacional, levado pela imperiosa determinação de um eleitorado autônomo, que assim lhe coroava a cabeça de louros, teve o seu diploma anulado pela mais insólita e afrontosa das depurações. Imolado á sanha dos usurpadores, embora aclamado pelas consciências honestas, retorna á luta o campeador infatigável, como se o amargor das derrotas lhe retemperasse as energias. Desde então as suas campanhas recrudesceram, no estigmatizar em libelos vitriolosos a desfaçatez e os crimes dos detentores do poder. Num dado momento a sua popularidade foi uma força indominável e avassaladora, tornando-se o ídolo do Amazonas e o bafuarte do seu povo oprimido e sofredor. Radicalmente infenso aos ditirambos líricos, edulcorados de promessas falazes que jamais seriam cumpridas, Heliodoro Balbi, para conquistar a adoração e a idolatria dos seus contemporâneos nunca assumiu, em seus discursos, compromissos fementidos. As suas promessas resumiam-se em permanecer sempre ao lado das populações famintas, que se extorciam de miséria, e ninguém lhe duvidava dos propósitos, tanto a beleza de suas atitudes falava mais alto que a grandiloquência de sua oratória. Toda a vida desse homem, que nasceu com a centelha do gênio na fronte, vale por um exemplo de civismo e de dignidade. Civismo, que era um traço viril de rude inflexibilidade, em contraste com o servilismo coletivo. Dignidade de paladino medieval, que luta e sucumbe na peleja para

vingar o ultrage que lhe vulnerasse a honra.

A sua morte inopinada naquela desastrosa aventura do Acra, resultou em fatalidade para o Amazonas. Porque, em 1930, com a transição política que se operou no Brasil, se Balbi existisse, outros seriam os horizontes do seu destino. A êle, a êsse heróico condutor de multidões, irrecusavelmente estaria reservada a missão, á frente do governo de sua terra, de resguardá-la contra o assédio da inconsciência desalmada, á cata de proventos e posições. Nenhum outro homem melhor talhado para as alternativas da conjuntura. Fôra êle, sósinho, de peito descoberto e de lança em riste, "homem de prol na pena e na espada", quem encarnara a reação contra o arbítrio e a prepotência dos dominadores. Foram as ousadias de sua dialética, que lhes denunciara as mazelas orgânicas. Foi a eloquência do seu verbo que lhes profligara os desmandos, arrastando-os desmoralizados á irrisão pública, enquanto os outros, os salvadores de última hora, dantes embuçados e escondidos, fugindo ás responsabilidades, aguardavam que as situações se aclarassem para se agacharem á sombra do vencedor. E aos que lhe conhecessem os moldes rijos da verticalidade, não causaria espanto o gesto de repulsa do nobre Cid amazônico, quando, pouco tempo depois, sacrificando-se por amor ao torrão nativo, se despojasse bruscamente da autoridade e dos honrarias que lhe conferiram por direito de conquista, contanto que, inerte, de braços cruzados, em vergonhosa capitulação, lhe não assistisse ao esfacelamento.

Tal em síntese a configuração emersoniana desse lidador de virtudes excepcionais, cujo nome legendário, vinte e sete anos depois da sua morte, a mocidade idealista do Amazonas arranca da poeira do olvido, onde o sepultaram a ingratidão e a versatilidade dos homens amnésicos, para celebrar-lhe a glória, na mais legítima das consagrações.

PERICLES MORAES

HELIODORO BALBI

HAMAZONAS conta na sua trajetória espiritual um certo número de homens eminentes, nas letras, na tribuna, no jornalismo, na ciência. Lugar de honra entre os mais ilustres, ocupa certamente o Dr. Heliodoro Balbi, nascido em Manaus a 16 de Fevereiro de 1878, e falecido na cidade do Rio Branco, no Acre federal, a 26 de Novembro de 1918.

Muito ápera e combativa foi a existência desse egregio varão que se devotou ao seu estado e por ele se sacrificou, podendo com o seu talento, as suas virtudes insignes e a sua simpatia envolvente, ter tido as melhores posições na sua terra e desfrutar as vantagens que a fortuna propicia aos seus eleitos.

Se, porém, não logrou posições oficiais salientes, nem conseguiu amediar dinheiro e formar pecúlio que legasse a seus filhos, transmitiu-lhes uma herança superior a todas as vãs riquezas que a vaidade humana afaga. Transmitiu-lhes um patrimônio de saber, de amor ao próximo, de dedicações e ardor patriótico, que o elevam a altura de mártir no seu berço natal, indiferente até ontem às suas qualidades superiores de professor e homem público, mas que, já agora, passadas as tempestades políticas e os prélios em que se empenhou, começa a reconhecer na sua individualidade os traços de figura exponencial de grandeza e heroísmo, de altivez e aprumo mental com que se houve na quadra mais atormentada de sua vida de combatente.

O indiferentismo que se fez em torno á memória do grande cidadão, logo que se fechou o ciclo da sua existência, em terras longínquas do Território Federal do Acre, para onde o arrastaram as contingências de sua profissão de advogado, em boa hora quebrou-se com a atitude carinhosa de Hugo Carneiro que, não tendo com ele afinidades de amigo, nem contactos de ordem política, teve o gesto piedoso e cavalheiresco de mandar exumar do barranco do cemitério acreano os seus restos mortais e de devolvê-los ao Amazonas. Para dar maior realce ao seu ato de patriotismo evidente e respeito espiritual ao grande homem público, dez anos depois de sepultado, mandara Hugo Carneiro que os seus despojos, acondicionados em urna artística feita de madeiras de nossa imponente selva, fossem acompanhados por um dos mais acatados causídicos de Rio Branco, o Dr. José de Aguiar, vice-governador do Território.

Não é possível esquecer a nobreza de Hugo Carneiro, que, conhecedor dos predicados do conspicuo amazonense nas lutas que sustentara e em que se tornou legionário, quis dar esse fraternal testemunho de estima e admiração á sua memória.

Os despojos sagrados de Heliodoro Balbi aqui chegaram e foram conduzidos em procissão por seus inúmeros amigos e admiradores até o Cemitério de São João, onde repousam.

A Municipalidade deu o seu nome a uma praça da cidade, que tantas vezes ouviu o seu verbo inflamado e a sua voz eloquente com transportes maravilhosos de emoção cívica.

Com o consenso do Colendo Tribunal de Apelação o seu retrato, juntamente com o de Araujo Filho,

lembrar do direito, foi apenso a uma das paredes da sala do Juri, no Palácio da Justiça, numa homenagem deusada e brilhante.

E agora surge uma pleiade de moços que formam o Grémio Cultural Heliodoro Balbi, para reivindicar do olvido sua obra e cultivar-lhe as virtudes heróicas que eram o seu maior apanágio.

O movimento consagrador da mocidade amazonense tem um sentido bellissimo e comovedor. Presta ao inolvidavel batalhador a sua generosa reverência, e tornando-o o simbolo de suas atividades estudantis, procura reviver o seu passado, erguê-lo a altura do seu grande talento, e do expansionismo de sua alma vibrante de patriota destemido, que nunca se arrecol do perigo.

Porque é preciso considerar o seu valor literário, a sua cultura científica, a sua formidavel illustração em diversas disciplinas. Balbi era, com efeito, um espirito avançado, de posse dos conhecimentos mais modernos em filosofia, lógica, psicologia, moral, direito, sociologia. Era profundo em literatura geral e do Brasil, um crítico de arte com uma forte, metódica e rara erudição clássica e um sabedor da lingua.

Escrevia versos e pensava em publicar um livro que condensasse a ronda das idéias que lhe turbilhonavam na imaginação. Não logrou realizar a sua aspiração. As occupações diárias e as lutas em que se achou envolvido nas lides políticas de sua querida terra, logo depois de chegar a Manaus, o exasperaram de articular o florilégio de poesia que vibrava na sua inteligência criadora. Mesmo no domínio da ciência deixou poucos trabalhos, sendo o mais notavel o discurso que pronunciou na Faculdade de Direito do Recife, por ocasião da formatura dos bachareis de 1902, em que foi orador oficial.

Ordinariamente os seus discursos eram feitos de improviso, quer em salões, quer na praça pública, onde mais crescia a flama do orador e se derramava em ondas luminosas de empolgante beleza.

Um desses discursos sensacionais pronunciou, lendo-o, o moço amazonense perante compacto e selecto auditório, no salão nobre do Instituto Arqueológico Pernambucano que, composto de sábios historiadores e publicistas, o foi buscar para ser o intérprete dos seus sentimentos, ao celebrar o laudo arbitral proferido pelo Presidente da Suíça, por ocasião da questão das Missões.

Este fato cala profundamente no espirito, e mostra o conceito em que já era tido nos tempos académicos. Com efeito o Dr. Heliodoro Balbi, antes de formado em ciências jurídicas e sociais, já era considerado um alto valor mental no seio das elites pernambucanas. Não só desfrutava a admiração e estima dos seus colegas como o rodeavam o apreço e a distinção dos mais cortejados nomes na literatura do Recife: Paulo de Arzuda, poeta, Teotônio Freire, romancista, França Pereira, poeta e romancista, Faria Neves Sobrinho, escritor, Gervásio Fioravanti, poeta e professor da Faculdade, Laurindo Leão, lente de Filosofia do Direito e Virgínio Marques Carneiro Leão também professor de Direito, além de muitos outros.

Como estudante lecionou a vários dos seus colegas filosofia. As teorias filosóficas eram expostas com minúcia e clareza, as escolas eram descritas em tudo que tinham de originalidade e de elementos diferenciadas das outras.

Quando se formou, em 1902, veio para o Amazonas. Daqui partiu para fazer o seu curso superior, e credenciado bacharel em direito, voltava às plagas barões, onde pretendia entrar na política, no professorado, e produzir como o reclamavam as suas energias psíquicas. A 13 de Junho de 1903 chegou a Manaus, onde em breve casou com D. Emilia Balbi. Fundou a sua banca de advogado e começou a trabalhar.

O pendor para a política fá-lo aceitar a sua candidatura para deputado à Assembléa do Estado. Foi eleito por três partidos. Tomando assento no Congresso, foi recalling, uma a uma, ilusões sobre os homens públicos e os seus propósitos, o que certamente não se coadunava com o seu sentir, a sua educação, os seus princípios, os seus ideais. Teve que renunciar o mandato, decepcionado.

Não se sujeitando a arranjos e a atitudes equívocas, preferiu tomar posição em sentido oposto ao partidarismo político que dominava no Estado. Estava assim traçado o seu destino político.

Custou-lhe essa atitude, como é de prever, muitos sacrifícios e agonias, verdadeiras decepções, mas tal combatente não se impressionava com o que lhe pudesse acontecer, de bom ou de mau, nem com as contingências, cada vez mais apertadas, de sua situação financeira bloqueada por todos os meios, para reduzi-lo à miséria e vencê-lo pela necessidade de manutenção.

Firme no seu posto, sereno nas suas convicções, inabalável nas suas diretrizes, só tendo em vista a regeneração dos costumes e a implantação do verdadeiro regime democrático na sua terra e no Brasil, onde imperava o caudilhismo corrupto de Pinheiro Machado, a tudo afrontou com excelsa coragem, a tudo opôs resistência, a tudo resistiu — á capangada, ás ameaças, ás emboscadas, á fúria assassina dos janistas que lhe incendiaram o jornal, com a inflexível determinação de prosseguir no combate a prol do saneamento moral de que tanto precisava sua terra.

"A sinceridade, diz Boerhaave, é a fonte de todo génio". Balbi era sincero consigo mesmo, com os seus ideais de moço, com a convicção arraigada dos seus princípios. Preso a esse cavalheiresco idealismo combateu com denodo. Quando académico a sua palavra ardente seguia-se veemente para mostrar os erros da República e os vícios condenáveis da politicagem de campanário, que infeccionava o país, de norte a sul. Fazia a apologia do bem, da honra, da dignidade humana, dos deveres do cidadão para com a pátria. Queria um regime de democracia pura, expurgado de sofismas, de espoliação das massas, de abastardamento das leis, em que imperasse o respeito aos direitos dos cidadãos e as manifestações no sufrágio do povo, o engrandecimento do Estado. Este sonho que ele acalentava com esplendido destemor e que compreendia ser o dever de todos, que tem a consciência de seu papel na sociedade, não podia estacar nem ceder um milímetro a essas idéias fundamentais de sua educação cívica. Tornou-se um centro de irradiação de protestos reivindicatórios da multidão sofredora, um evangelizador das turbas, em frequentes lições de civismo construtor, na imprensa e onde quer que se levantasse uma tribuna. Ao seu lado formaram alguns rapazes decididos, entre

ales Adriano Jorge, médico e publicista. A campanha tomou proporções assinaláveis de qualquer coisa de surpreendente e homérica nessa fase da história do Amazonas. Os artigos doutrinários de Heliodoro Balbi, ricos de conceitos, eram libelos tremendos. Dissecavam uma época; apareciam edificantes no estigmatizar os processos administrativos reinantes.

A pena do jornalista librava-se alto. Imaginoso, iluminado, transcendente, impressionador, ia levando ao seio do povo a compreensão dos seus deveres, as faltas dos incapazes e dos hipócritas, a caricatura dos histriões, a deturpação das instituições no que elas tinham de mais nobre e sagrado. Não somente os artigos de fundo analíticos, como também crônicas de arte sueltos irônicos, poesias, críticas. Onde sobretudo o jornalista se elevou foi no doutrinarismo, na visão sociológica daquele período da vida republicana do país, lançando o seu anatema, como que antevendo uma próxima reivindicação de direitos e das liberdades conspurcadas, como veio depois a revolução de Outubro de 1930. Dos jornais que inseriram os seus severos julgamentos foi o "Correio do Norte" o baluarte mais possante, de cujas seteiras ou colunas em fagulhas de ouro decia a vulcanica capacidade do crítico, o seu talento polimórfico a pregar idéias sãs e admiráveis lições de civismo.

Na tribuna popular o seu verbo tinha um timbre superior de beleza mesmo nos momentos em que vergastava transfigurado, em apóstrofes candentes, os responsáveis pelas misérias que apontava. A sua testa ampla de pensador, a sua miopia espiritualizante, o seu gesto de independência e altivez, de desassombro e altaneria, davam-lhe tons de relevo de superhomem, de uma vocação iluminada para sobrepor-se aos desmandos dos homens.

Eleito deputado federal, partiu para o Rio sobraçando volumosa documentação do voto dos seus pares. Proferiu no Parlamento uma oração fulminante, estupenda em defesa de seu diploma, do diploma que os amazonenses lhe haviam conferido, não obstante todas as dificuldades opostas pelo oficialismo impenitente.

Pinheiro Machado conseguiu anular-lhe as credenciais de deputado pelo Amazonas, cassando-lhe o título. Tal iniquidade doera-lhe profundamente, porém não lhe abateu o animo resolutivo na peleja em que se empenhou até os últimos dias de sua vida e esse momento de excruciante tortura de viajar para o Acre, deixando a esposa enferma.

Os seus artigos de jornais, as suas produções de crítica literária, os seus estudos em que denuncia uma excelente cultura clássica, o seu discurso de formatura, onde o pensador filósofo se alça com segurança na discussão dos mais transcendentes problemas, as suas poesias, tudo está a revelar a pujança de seu cérebro, a altitude de seu pensamento, a sua capacidade criadora, o espírito pronto a apreender as mais complexas questões sociais e interpretá-las á luz da moderna ciência e da sociologia. Não somente o seu mérito individual, o talento formidável que possuía, como o homem ativo, a energia viva, o organismo combativo por excelência, a fibra robusta e admirável desse lidador que deixou uma epopéia de sacrifícios na sua vida consagrada ao Amazonas. Tão bom e tão meigo, tão desinteressado e altruista, soube ser forte e varonil, intergiversável na defesa dos seus concidadãos, na estacada pelo bem social, na reação contra o arbítrio e a violência.

ANISIO JOBIM

HELIODORO BALBI, —

UM HOMEM SÍMBOLO.



ELIODORO BALBI foi, no Amazonas, um dos últimos rebentos da escola juridico-filosófica do Recife.

Formado em direito no ambiente mental que produziu Tobias Barreto, Sílvio Romero, Martins Junior, Arthur Orlando, Phaelante da Camara, Gervasio Fioravante, Laurindo Leão, — pôde assimilar, com a brilhante inteligência de que era dotado, o espirito cultural da época em que um Braz Florentino, um Constancio Pontual, um Barros Sobrinho, Nunes Machado eram reservas pensamentais que transmitiam como os mesmos Tobias, Clóvis, Sílvio, Martins Junior e outros, o positivismo cindido de Augusto Conte e ensinado por Benjamin Constant, Trêxeira Mendes e Miguel Lemos, o materialismo antigo de Holbach, Lаметtrie, o materialismo transformista que rebalia Platão e Aristoteles, Santo Agostinho e Santo Tomaz, Pascal e Pasteur, até os monistas — evolucionistas que encheram o Brasil de Haeckel e Noiré, Hartmann e Schopenhauer, Kant e Strauss.

Heliodoro Balbi condensou, numa síntese, todo esse ambiente revolucionario daquela época pernambucana, no seu memoravel discurso como orador da turma dos bachareis de 1902.

Parece que foi Laurindo de Leão, o erudito filósofo e pensador de robusta inteligência, — mestre que fez crear com o exemplo, com a palavra e com as lições, o espirito maravilhoso da filosofia no genio de Balbi, porque a influencia do mestre pernambucano é

bem sentida em Balbi através das citações, da lógica, da análise que o pensador amazonense fez em torno das teorias de Iherring, Hermann Post, Wundt, Gabriel Tarde, Summer Maine, Darwin, Picard, Savigny.

Heliodoro Balbi foi um grande amazonense que soube crear, em Pernambuco, um grande círculo de encantados pelo seu talento. Talvez tivesse sido um outro Estelita Tapajós si não dispersasse o talento solar que ele soube irradiar e demonstrar através do jornalismo, dos discursos que escreveu, das lutas forenses que vitoriou, das lições juridicas que ele soube irradiar nas cátedras do direito em que pontificou.

Tenho a impressão que entre Tobias Barreto, Sílvio Romero e Laurindo Leão, — Balbi preferiu seguir ao professor de filosofia da Faculdade de Direito de Recife, a esse grande e imortal Laurindo Aristoteles Carneiro Leão, o mestre pernambucano que teve a honra de ver Guilherme Wundt, — um dos maiores psicologos alemães, — quasi que copiar a sua classificação das ciencias, — apparecida no substancial trabalho sob o título "Analogias Sociaes".

Laurindo Leão encheu o talento de Balbi das verdades da filosofia. Balbi era filosofo verdadeiro. Quem o conheceu o sabe. Ironia, piedade, erudição, oratoria, tudo ele possuia. Sabia rir quando vencia o orgulho de alguém. Esquecia a infamia, a intriga. Perdoava escandalosamente. Não era máu. A bondade era o traço mais profundo de seu carater. Sua passagem pela vida, foi feita por cima dos

homens, pairando nobremente, elevadamente sobre todos. Não desceu demais às miserias das paixões mais baixas. Boêmio, soube conduzir-se, entre os homens, — ensinando aos próprios homens, doutrinando com o exemplo de sua vida nobre e despresticiosa, os contemporâneos de sua época. E para isso arrastava, com sua sombra, com a sua palavra, com o seu verbo, com o seu gênio, — os moços, os professores, os mestres, os boêmios, os poetas, os oradores, os pobres, os que tinham sede de justiça, os andrajosos, os que tinham fome, os perseguidos, os que choravam.

Sua palavra era oracular: "Balbi disse", "Balbi falou", — isso se ouvia sempre.

Sua personalidade foi o centro da

vida social, política, cultural de sua terra. Foi temido, respeitado, porque tinha talento e dignidade. Por isso quasi que o mataram a fome. Nada foi em sua terra. E a miséria o lançou para o Acre, onde a morte o surpreendeu, gigantescamente.

Sua cultura era extraordinária. Conhecia profundamente direito, sociologia, filosofia e história.

Tinha que morrer como morreram Martins Junior e Araujo Filho: quasi sem falar!... Destinos dos grandes oradores? Não sei.....

Balbi é, para o Amazonas, o Ajuricaba da cultura: o herói que se deixou vencer pela atração fatídica das águas, mas nunca pela prepotência dos homens...

Manaus, 8 de outubro de 1945.

André Araújo



HELIODORO BALBI

DISCURSO pronunciado pelo dr. José Lopes de Aguiar, vice-governador do Acre na Administração Hugo Carneiro, por ocasião da chegada dos restos mortais de Heliodoro Balbi, a 25 de fevereiro de 1922, que foram acompanhados por aquele caudilho no seu trajeto de Rio Branco até Manaus.

Senhores amazonenses:

Ao pisar o solo hospitaleiro e bemdito banhado pelo magestoso rio-mar, a terra das imensas solidões florestais, que tão bem inspiraram essas páginas luminosas do "Na planície Amazônica", de Raimundo Morais, eu vos saúdo efusivamente, meus ilustres patricios de aquém da linha Cunha Gomes.

Venho de bem longe. Venho da terra da borracha, daquele rincão da pátria brasileira, que a coragem indômita de Plácido de Castro e a diplomacia de Rio Branco integraram ao patrimônio nacional.

Emissário do Governo do Acre, aqui me traz a honrosa missão de vos entregar os despojos terrenos de um filho dileto desta Estado, daquele que em vida se chamou Heliodoro de Lima Balbi.

Para satisfazer os justos anelos do povo generoso, alto e nobre desta terra de gloriosas tradições, s. excia. o sr. dr. Hugo Carneiro, eminente governador do Acre e de vós conhecido, porque pelo poder executivo municipal desta formosa e culta cidade passou, deixando honrosa reputação de probidade, trabalho e energia, determinou a exumação dos ossos de Heliodoro Balbi, sepultado no cemitério da cidade de Rio Branco, onde, vítima da epidemia da gripe espanhola, faleceu a 26 de novembro de 1918. Este ato se realizou solenemente na manhã de 24 de janeiro, data gloriosa que recorda o término da revolução libertadora do Acre.

Senhores: eu conheci, pessoalmente, Heliodoro Balbi, em Rio Branco, para onde os revezes políticos do seu Estado natal o atiraram. Conheci-o, quando já uma perene sombra de tristeza lhe escurecia a fisionomia. Muitas e muitas vezes tivemos de trocar idéias em torno de assuntos vários, sobretudo de casos concretos que se debatem no fóro judiciário daquela cidade, onde, pouco depois de haver chegado, foi atingido pelo infortúnio da morte de sua querida esposa, que aqui deixara.

Tocante, senhores, foi a cerimônia da exumação dos ossos do vosso saudoso irmão. Imponente foi o cortejo da urna mortuária, que lhe conduzia os despojos, desde a acrópole municipal até a matriz de S. Sebastião e daí até o edificio do grupo escolar "7 de Setembro", onde aguardou o dia do embarque para esta formosa princesa do Rio Negro, onde vem repousar para todo o sempre.

Com efeito, no dia 13 do mês cadente, embarcava no porto do Rio Branco a urna funerária, à frente de cuja procissão cívica se encontrava o chefe do governo daquele Território. A navegação que o conduzia se deslizava mansamente pela superfície das águas, aqui

serena, ali crispada pelo sopro dos ventos, mas, sem perigo, Deus a trouxe a salvo a esta enseada amiga.

Não menos tocante é esta solenidade; não menos imponente é o cortejo luzido da vossa grandiosa recepção, tão em chocante contraste com a palavra mal segura do mensageiro desconhecido.

Aqui nesta multidão, onde se distingue a pessoa ilustre do representante do sr. Presidente do Estado, vejo representantes de todas as classes sociais, desde os altos poderes constitucionais do Estado até o simples operário; desde a fina intelectualidade até o estudante de primeiras letras.

O quadro vivo que se debuxa a meus olhos me impressiona e profundamente me comove.

Quer isto dizer, senhores, que os restos mortais, que acompanho até vós o são de um homem que vos pertencia a todos. Subia aos páramos dourados das letras; mas sabia descer e sofrer como o fraco oprimido!

Quem foi ele?

Vós que o digais, porque melhor que eu bem o sabeis.

Foi um literato, um jornalista, um orador, um professor, um filósofo, um poeta, um amigo de sua terra, um grande sofredor!

A sua psicologia está lididamente pincelada naquelas páginas cintilantes do vosso distinto intellectual, Péricles de Morais, no seu precioso livro — FIGURAS & SENSACÕES.

Era versado no vernáculo, cujas roupagens vistosas tão bem lhe vestiam a idéia. Na contextura da frase elegante e castiça do literato ressaltava a grandeza do pensamento do filósofo.

Político e advogado da causa pública ele simbolizava a fé no ideal republicano, como um indefeso apóstolo do direito, da verdade e da justiça.

Lidador estrinuo, defendeu as liberdades públicas e os lúlimos princípios da democracia, ao lado dos fulgurantes espiritos de Adriano Jorge e Araujo Filho e outros, constituindo admirável síntese de um apostolado cívico.

Orador e polemista de fôlego, sua palavra inflamada tinha o poder de levantar as turbas, de transfigurar o auditório, produzindo deslumbramentos como si foram lampejos de relâmpagos do Sinai.

Mas para que eu dizer o que melhor sabeis?

Vós, senhores amazonenses, é que tendes autoridade para dizer o que ele foi, porque aqui, nesta culta cidade, hoje governada pelo espirito brilhante de Araujo Lima, foi que se travaram as pelejas mais renhidas daquele talento peregrino, daquela inteligência de escol.

Vós, senhores da Academia de Letras, cuja vaga por ele deixada e que foi brilhantemente preenchida por essa robusta ilustração, que é Manuel José Ribeiro da Cunha, com aquela notável peça oratória com que tomou assento no douda cadeira de — Tito Livio de

Castro —, vós, repito, é que podeis com fulgurações de talento dizer da vida, da mentalidade forte, do gênio verbal daquele, cujos ossos eu vos reituo em nome do Governo do Território do Acre.

Vós, mestres e discípulos do Ginásio Amazonense, em cujo corpo docente era luzeiro, bem sabeis da erudição do mestre que se foi e que está vivendo na vossa saudade.

Vós, senhores das classes proletárias, das classes conservadoras e trabalhistas, vinde derramar sobre esta urna os vossos olhares marejados de lágrimas sentidas, da expressão dolente de uma saudade infinda, de uma gratidão eterna.

Vós, políticos e jornalistas desta terra glorificada pelo martírio e grande pelas riquezas naturais de seu solo, não vos esquecestes ainda do vosso companheiro de lutas, que aqui está inanimado.

Sim, ele morreu!

A morte é o melhor bem da vida, disse o padre Antonio Vieira.

Nesse transito do berço ao túmulo, ele teve glórias e triunfos, mas teve também amargas decepções.

Ele passou, é verdade, mas na sua passagem deixou uma inextinguível esteira de luz.

Passou, mas não passou o seu pensamento.

O navioso poeta de Iracema, fechando o encantador poema que decantou a figura lendária de uma mulher que "tinha os cabelos mais negros que a asa da grauna

e mais longos que o seu talho de palmeira" avançou esta proposição conceituosa.

"Tudo passa sobre a terra".

Em contraposição, afirmou o genial autor da "Trindade do Mundo", dr. Farinas Baito, o maior filósofo brasileiro:

"Nem tudo passa. O pensamento humano não passa".

Assim, senhores, o pensamento de Heliodoro Balbi não passou.

Senhores: o Acre está presente às homenagens com que, denotando a vossa alta cultura cívica, recebeis os restos mortais do vosso irmão.

E o Acre está presente não só pela palavra do humilde representante do seu governo, senão ainda, e mais eloquentemente, pela sua bandeira, que vós envolveis num largo abraço a urna do morto querido.

O Acre vos acompanha em todas essas manifestações que tributais à memória inolvidável do filho ilustre que viu o berço nestas florestas e à sombra bemfazeja das mesmas florestas vem dormir para sempre, sentindo mais perto a admiração dos seus irmãos e mais quentes as lágrimas dos seus queridos filhos que aqui estão.

Senhor Prefeito: mais eloquente do que as minhas palavras é esta homenagem de que sou portador e que por deliberação do governador do Acre, a Municipalidade de Rio Branco me manda vos entregue com os ossos de Heliodoro Balbi, que aqui o tendes todos vós para o vosso culto cívico, para o vosso amor mais vivo, para a vossa saudade mais cruciante.

O VERBO DE BALBI

DISCORRENDO sôbre a vida intelectual de Cicero, observou Bossuet em profunda análise, como era próprio do seu feitiço literário, caroável das minúcias, que o egrégio orador romano imprimia às suas produções de qualquer gênero a elocução peculiar da tribuna, constituindo essa qualidade inata do seu espírito um encanto para quem quer que o ouvisse. Ainda no despreocupado labor das suas cartas íntimas, Cicero, se as lia a algum interlocutor no convívio doméstico, declamava-as com ênfase, sublinhando as frases de mais interesse com o entono especial de quem discursa. E tão perfeito era no compor, como no ler o que compunha.

Invocamos êsse episódio histórico, recolhido de antigas leituras, para associá-lo a uma lembrança grata que guardamos de Heliodoro Balbi, em cujo temperamento literário era também evidente a singular propensão a que aludimos. Jornalista, crítico, professor e orador, era todavia nesta derradeira feição de seu secundo talento que consubstanciava as demais. Se Balbi reconhecia essa tendência irrefragável, ignorámo-lo; mas que a certificavam muitos dos que êle admitiu à sua esplêndida camaradagem, é certo.

De feito, eram instantes de volúpia espiritual os que passávamos a ouvir Heliodoro na aprumada declamação dos seus mais simples escritos. O cálamo do jornalista nervosamente arrebatado, no ataque como na defesa, soava na sua bôca como um vibrante requisitório de rosto, onde a argumentação borbulhava e cachoava na candência dos adjetivos, no explodir da frase viril e cortante, no contento pulverizador das alegações adversas.

Nunca lhe foi fácil a atitude serena na magistratura da crítica, e talvez não se lhe conheça uma página em que, de par com tolerantes e amenos concei-

tos, não abrolhe o acúleo da ironia a revelar o ânimo irrequieto e combalivo de Balbi. Sempre e sempre o orador nas ardências do eloquio.

Na cátedra, igualmente. Esse seu modo de ser mental achava aí exuberante, despejada expansão. Pelo comum, o ponto da matéria, de antemão fornecido aos alunos, representava apenas um pretexto para dissertações eloquentes. Ampla cultura, servida por extraordinária memória, ministrava a Balbi elementos a flux para explanações de jeito tribunicio, que eram ineontroversamente o seu forte; e era vê-lo então, copioso e sacundo, na multiplicidade dos confrontos e paralelos, no entrecchoque dos seus com os pontos de vista dos autores, não raro em sínteses magnificas, que muitas vezes explicavam o êxito, nos exames, dos estudantes de melhor e mais segura retentiva.

Conclua-se agora do que fica dito o que poderia ser Balbi, tribuno até a medula, perante uma multidão que, rumorejando na praça pública, lhe estimulasse os clamores de vingador popular, confiando-lhe ao patrocínio a reivindicação de um direito, a obtenção de um ato de elementar justiça, inflexivelmente negado pelos governos. Nesses momentos, a torrente oratória de Balbi espadanava em tropos rutilantes, sua indignação trovejava meláforas de fogo, fraguava imagens que sacudiam o auditório incrível turbilhonar verbalista, em que iam rolando os governantes mercados com crueis estigmas, numa flagelação que durava até que a fadiga empolgasse o flagelador. Muito mais que a atuação catedrática do mestre, muito mais que os triunfos do jornalista e os ensinamentos do crítico, entrelazem na memória da geração que vai passando as orações formidáveis desse ídolo das turbas, de quem ficaram altos pensamentos, ainda hoje repetidos na saudade de quantos o amaram e admiraram.

JOÃO LEDA

HELIODORO BALBI

MOI a floração intelectual mais viva do seu tempo, no Amazonas.

Filho desta terra, foram seus pais Nicolau Balbi e Domiciana Bacury Balbi. Fez o curso na antiga Escola Normal do Estado e o de Preparatórios no Ginásio Amazonense. Como estudante, distinguiu-se logo por seu talento, mostrando-se, nos comícios da mocidade, um orador fluente, imaginoso. Abrilhantava os jornais da época (última década do século XIX) com suas poesias e digressões literárias. Funcionário da Recebedoria do Estado, retirando-se, de quando em vez, para a capital de Pernambuco, conseguiu formar-se ali em Direito, tendo sido o orador de sua turma. Produziu uma das peças mais fulgurantes da Faculdade.

Regressou ao Amazonas, nimbado de uma consagração exaltada nos meios culturais da terra de Ararajo Filho e Gaspar Guimarães. Em concurso memorável, conquistou a Cadeira de Literatura do Ginásio Amazonense, onde pontificou por alguns anos, ao mesmo tempo que se entregava às lides da imprensa partidária. Foi um polemista ardoroso, premente, de uma grande intransigência de princípios, atitude que ia ao destemor.

Redigindo o jornal "O Norte", desta capital, deu provas do seu caráter independente e, tantas vezes, impetuoso. Não se incomodava de lançar a seta do desagrado aos negatas do situacionismo político. Mostrava prazer nisso.

Heliodoro Balbi, em plena oposição aos detentores do poder, no Amazonas, fez-se candidato a uma das vagas de Deputado Federal. Conseguiu brilhante vitória. Vai ao Rio de Janeiro para defender seu diploma, perante a Câmara. Formidável, o discurso proferido. Nesse documento parlamentar, o ardoroso amazonense, atacando os

próceres da política situacionista do seu Estado, num exagero de linguagem, dizia: "Os ladrões de minha terra são tão audaciosos, que escalariam o céu se as estrelas fossem libras esterlinas". Não chegou a sentar-se na cunha do Parlamento. A politicagem de campanário não permitia expansões de pensamento, liberdade de opinião. E o temperamento de Heliodoro Balbi não suportava o guante do partido governamental. Às margens da correnteza que desceia do Olympo, não encontrou nenhum remanso da vitória. Quasi desiludido, sofrendo a falta de pagamento de sua remuneração de Professor do Ginásio, retirava-se para o Acre, então sonho dourado das inteligências livres. Lá, entra nos prélios do fóro e sustenta, pela imprensa, a mais memorável, erudita e brilhante controvérsia com um também ardoroso advogado da região, contenda de que saiu aureolado. Pouco tempo depois, Heliodoro falecia. Como justa homenagem a sua luminosa memória, seus restos mortais são transportados para esta capital (Manaus) onde jazem no cemitério de São João Batista. Como poeta, foi de uma espontaneidade natural. A cadência dos seus versos é musical e emocionante. Não posso esquecer o poemeto "Relicários" que, me parece, escreveu para ser recitado à beira do seu túmulo...

Creio na adversidade do destino. E, entre os exemplos, que me vêm à mente, anoto como os, Bocage, Heliodoro Balbi, aedos de vida amargurada, incompreendida. Mas, as gerações pósteras costumam pagar aos gênios, a dívida de glória, que os outros ficaram a dever, erigindo-lhes, no bronze ou no mármore, a eternidade do reconhecimento pátrio.

Manaus, setembro de 1945.

AGNELLO BITTENCOURT

Da Academia Amazonense de Letras

BALBI IDEALISTA



lembra-va de Heliodoro Balbi, no meu espírito, apesar da convivência nos últimos tempos, ficou adstrita às primeiras recordações, quando da minha juventude, logo em seguida à chegada a Manaus, em 1904. Não poderia vê-lo, naturalmente, nessa época, com o discernimento necessário para lhe interpretar a personalidade, com o seu relevo próprio, as suas grandes qualidades, os seus predicados de lutador e homem de imprensa. Recordo-me de o ter assistido, no decurso de uma tarde de verão, na realização de um comício, na antiga praça General Osório falando ao povo, que o cercava e lhe aplaudia as invetivas contra os dominadores da época. Mas, nessa recordação, que poderia estar desmerecida pelos defeitos de minha observação, Balbi não me apareceu como tribuna popular, no estilo da velha escola, desbordando na gesticulação, causticante nos adjetivos, com a voz alta, olhos esbugalhados, suareiro e fatigado. Bem ao contrário disso: era sóbrio de linguagem, apesar de usar palavras elegantes e frases perfeitas; olhava para o auditório, mal disfarçando as dificuldades de sua miopia, através das lentes, sem perder o aprumo de sua elegância, grifando, com o gesto medido, as palavras, que lhe saíam em torrente, na improvisação do seu discurso. Não se lhe notava a preocupação do efeito imediato, nem o exagero das palavras para arrancar aplausos passageiros. Era como se fosse um missionário, alguém que estivesse no desempenho de um sacerdócio, olhando para muito longe de si mesmo, na satisfação de um compromisso assumido com a posteridade, fora de sua época, fazendo ao presente uma sacrificar-se, na imolação espiritual de seu devotamento, à causa do futuro. E não era um neófito da vida pública; nem era um retardatário das ilusões acadêmicas, muito embora alguns aspectos de sua personalidade estivessem a denunciar, em alternativas, talvez inconscientes e inesperadas, traços expressivos dessas duas atitudes da sua personalidade. Como jornalista, citam-se de seus artigos, mesmo quando empenhado em polemizar, trechos inteiros de estilo aproximado do gongorismo, cheios de palavras pouco usadas, seleccionadas a capricho, no sabor do ritmo e da musicalidade dos períodos. Mas, em tudo isto, na sua linguagem, como nas suas resoluções de publicidade, havia um quer que fosse de misticismo, de uma predeterminação estranha à sua vontade, à qual ele ordinariamente cedia e com a qual frequentemente se conformava, obediente às razões íntimas de um subjetivismo superior às próprias contingências do sua vida sacrificada, como pensador isolado no ambiente das suas lutas, sempre indiferente às necessidades e às vicissitudes. Nas suas palavras, nos seus

gestos, na suas idéas e nos seus trabalhos, a serviço profissional e no ardor das pugnas ideológicas, não se lhe descobriam as contradições geradas pela incompreensão de seus contemporâneos, as decepções creadas pelo conflito entre o seu idealismo e as arbitrariedades e desmandos da época. Era sereno, comentando, na deliciosa ironia de sua palestra, com a voz suave e sorrindo, os fatos e os homens, sem lhes ferir a suscetibilidade, sem os maltratar, vendo-os a todos, em conjunto, como expressões de pensamento e como símbolos de uma idéia.

E se esta era, aquele tempo, a impressão causada pela atitude mental de Heliodoro Balbi no meu espírito, ainda quando mal ensaiava as primeiras rondas experimentais de minha vida, verifiquei depois, ao influxo de nossa convivência, que, aliás, nunca se aproximou da intimidade, no limite cardeal de encontros passageiros, que a mesma condizia com a realidade de seu temperamento eminentemente acadêmico. Das poucas vezes em que conversámos, de ordinário nos corredores do Palácio da Justiça, tive a confirmação daquela atitude ideológica, daquele prisma de seu temperamento. Das suas maneiras medidas, como se estivesse receoso de alterar a voz para não perturbar a serenidade da casa judiciária, quem o não conhecesse poderia julgar que se tratava de um tímido, quando não de um simples boêmio, displicente, acomodaticio. Mas, na sua simplicidade, na sua delicadeza, na sua doçura de palavra e de gesto, não havia nem uma renúncia, nada que o demovesse de pensar e dizer o que sentia, expandindo seu raciocínio e pronunciando seu julgamento sobre as cousas e sobre os homens, com ironia muitas vezes, com severidade outras. Sem que o dissesse, notava-se que, na sua intimidade, havia um conflito permanente, chocando-se o idealista, alcançado nos seus sonhos de perfeição, com os fatos e as cousas do momento. E depois, quando falava, sorria e distanciava-se das rodas, agitando o pitice-nez, como se nada houvesse dito, deixando aos circunstantes o trabalho de lhe julgarem as resoluções espirituais, livre de qualquer responsabilidade ou de qualquer coincidência com as calamidades ambientais... A sua crítica, entretanto, não era destrutiva. Resaltava os erros e lhes dava a corrigenda, tal como a imaginava, com aticismo não somente quanto à forma, como quanto à elevação das idéas. Ainda que lamentasse a derrocada que o envolvia, o que mais o martirizava era reconhecer a distância em que tudo se encontrava da perfeição, do aprumo acadêmico das suas impressões, das realidades por ele sonhadas. Era, em tudo e por tudo, nos

prélios pela conquista da cátedra, na pugna eleitoral, nas campanhas de imprensa, no exercício do magistério, um idealista, um sonhador, com a sinceridade intencional das suas próprias convicções.

Na época em que surgiu justificava-se sua atitude de combate tão somente pela sua significação idealista, escravizado, como se encontrava, naturalmente, às ilusões académicas, o seu espírito ainda não conformado, nem, muito menos, deformado, pelas contingências e pelas asperezas da vida real. Da sua combatividade, que não conhecia desfalecimentos, perdendo noites sem fim nos trabalhos de imprensa, horas inteiras de propaganda em comícios e reuniões de caráter político e partidário, não resultou, porém, como era de esperar, a modificação dos processos administrativos, nem houve como lhe assinalar, na trajetória fugaz de sua juventude e de sua maturidade, a influência de suas idéias no panorama político de sua terra. Era tido como pensador e filósofo, como estudioso de assuntos de alta responsabilidade, devaneando, em horas fugidias, no trato reservado das mu-

sas... Mas, foi um exemplo de virtudes raras. Pelo menos, quando tudo era pretexto para uma transigência oportuna e lucrativa, na conquista rápida de algum posto funcional, ele se colocou acima dessas contingências bem humanas, oferecendo-se em sacrifício, pelo que considerava um bem coletivo, a serviço das suas idéias de perfeição, que jamais foram por ele abandonadas, mesmo nos derradeiros anos de sua vida, quando no Acre, onde o seu temperamento se não desmereceu das qualidades originárias, abrindo polémica, entre outros, com o advogado Bruno Barbosa, alta discussão de idéias, não desmentindo das suas preocupações académicas, das qualidades eminentes do seu idealismo. E assim foi a sua vida toda. Foi um grande idealista, um grande sonhador incompreendido. Sob esse prisma, aliás brilhante, foi um exemplo digno de ser imitado. Batalhou pelos seus ideais de perfeição até quando a morte o colheu impiedosamente, ainda em plena força da idade, tendo apenas passado dos quarenta anos, imolando-o na arena em que havia aparecido como os antigos gladiadores, pronto para as pelejas espirituais, com a coragem destemida de suas virtudes cívicas...

Huascar de Figueiredo

(da Academia Amazonense de Letras)

HELIOGRO BALBI

(PÁGINA DE UM MEMORIAL)

Um mês depois... Trinta dias escoados dolorosamente sobre a hora trágica da desapação, para sempre, do grande e sacrificado Amigo, e nossa dor ainda perdura intensa, e a sua sombra, como um sonho luminoso que o destino desarticulou, já inanimadas todas as ilusões, nos acompanha por toda a parte, e quasi mais nos segue, invocando as páginas comovidas de sua vida, mais se refina a nossa sensibilidade e, numa história frenética de quem investe e se dobra impotente, aniquilado ante a brutalidade do irremediável vira nervosa, em frêmitos inquietantes, na ansia de um pesadelo que não tem fim, sacudido de angústias selvagens e de irreprimíveis alucinações...

Trinta dias que se exgotaram, hora por hora, minuto por minuto, numa agonia de moribundo, e não conseguiram apagá-lo de nossa lembrança. Morto, mergulhado no silêncio do túmulo, vive imperturbável para a nossa imaginação, para o nosso enlevo desfeito, para a nossa estagnação. Numa desvairada obsessão de sentidos, vemos-o, sentimos-o. O seu relevo é palpante. Há átomos, há moléculas, há vida nessa estrutura humana. Há sístole e ha diástole nesse coração que a morte paralisou. Vê-mo-lo. Nos seus membros não há a gelidez aparente dos cadáveres. É mentira! Não ha inércia nos seus músculos. Olha-nos. É como dantes iluminado o seu olhar. Nêle, dominadoras, fulguram as centelhas do gênio. Grande Amigo! Grande Amigo! E despertamos variados dessa loucura bendita. Tudo sonho! Nada do formidável naufrágio. Destroços — memórias e lembranças, — da misérrima derrocada. A realidade confunde-nos, aniquila-nos, desvaira-nos. Daquela espirito maravilhoso, daqueles dilúvios de glória, daquela alma de artista, poeta, poeta... Terias razão, meu muito amado Maeterlinck, afirmando que a morte não é mais do que um renascimento imortal num berço de chamas?...

Ah, os desalentos da sanidade, os desvarios das lembranças...

Morto, irremediavelmente morto!...

Como, meu desditoso amigo, nesta hora de tremendo infortúnio, quando, sobre a minha sensibilidade conturbada, ainda se projetam funerárias as sombras da noite escura que te devorou num arranco de besta sacrilega, como fazer, em dois traços, no desatavio destas memórias, a síntese de tua obra, que nada mais seria do que um simulacro de idéias e de pensamentos, no tumulto irrefreado de quem não medita nem raciocina, na tortura do insperado, estarrecido e inerte, sentindo a morte e não se conformando, vendo o sol, no ocaso, apagando-se, e renunciando, no delírio da impotência, por não ter criadas divinas, que lhe animem as reverberações acendentes?

Nesta angustia de amigo que perde o maior dos amigos, e nesta hora tórrida da morte, não sei como pinçar-te a vida — sarcasmo pungente! — eu que jamais consegui saber qual dos dois sentimentos em mim era o maior — se o de admiração pelos surtos descontrolados do teu poder criador, sob a flama apoteó-

ica da imaginação, de remissos candoreiros, ou se de arrebatamento pela superioridade esmagadora de suas atitudes. As magnificas, as imprevisíveis, as surpreendentes atitudes... Lá fóra, no borboirinho da vida, desordenada, desenfreada, ruga a tormenta. Vejo-lo impassível. Não te demoves. Ah! o pampeiro não tem forças para quebrar as carniças de aço desse caráter inquebrantável. Sorriso, inflexível, á careta sarcástica do destino, feroz na insistência de sua insanía demolidora. Coragem fria, coragem inextinguível, que enfrenta tempestades de ódios e assédios de vilanagens e não tem um instante de hesitação. Singular configuração de caráter que delimita o animal e define o homem — perfeito, inteírico, inamolgável — o homem, na acepção integral da palavra, e quasi superior á época em que viveu.

Admiri-o por essas nobres atitudes.

E, fechando os olhos, aqui sozinho, nesta hora silenciosa da meditação e da tristeza, pensando no meu grande irmão pelo destino, pelo infortúnio, pelas creanças, pelo afeto, por tudo aquilo que vincula duas almas indestructivelmente gêmeas, sinto e compreendo que muito maior que essa admiração sem excessos foi o meu bemquerer excessivo por essa figura de legenda, cheia de virtudes e sem nenhum defeito, cheia de devotamentos e sem nenhum rancor, gigante numa terra de illoquianos, dignidade serena que trava, de chôfre, as encorajadas crescentes da covardia. Abstrai-o amigo, revejo o homem. E, revendo-o, — estranha contextura de caráter! — em toda a sua vida de serenos heroísmos e abnegadas resignações, essa figura avulta mais. Dir-se-ia que quanto mais adversa lhe foi a fortuna, mais enérgica a resistência, mais impetuosa a arremetida. Vencido, ao apuro da rafamea sanguissedenta e bibeida da paixão, como era apiedado o seu sorriso, como era grande e suprema a sua misericórdia!... Vencedor, muito maior o seu perdão. O triunfo não o embriagava. Era estímulo para novas conquistas, incentivo para novas vitórias. Esse caráter não se obnubilava com o torvelinho das torpezas terrenas. Nunca houve ódio que se enlhasse naquela imensa bondade. A desforra tinha a duração da peleja. Passada esta, nem sequer ficava o ressentimento. Ninguém mais depressa esqueceu a injustiça e perdoou a iniúria. Surdo ás animosidades terrenas, fazendo da justiça e da verdade os mais puros sacerdócios de sua vida, não tinha preferências e não tinha pendores. Humilhado pelos mais puros sentimentos, qual bendito semeador, os ardores de sua palavra suggestionadora e a dialética doutrinaría de suas apostrofes de fogo, de tances de rajada e de sonoridades de bronze, transformavam a terra calcinada, de vegetação inculta e maninha, em esplêndidos vergeis, de floresta magnífica, que rebentam pela primavera em respostas de seiva, e frutificam no outono, á volúpia fecundadora da primeira sazão.

A Exedra Académica...

Nesta claro-escuro crepuscular, de incubações melancólicas, no meu quarto humilde de amaldiçoado da fortuna,

A meia-tinta das minhas cismas de revoltado, descobro, poeirenta, dormindo sobre a Mocidade morta, de Gonzaga Duque, (singular coincidência!) a Exedra. — "minarete tiêmo, esguio e branco, sob o amplo velário azul desta palustada de bronze, em meio de sarissas reluzentes e lanças voadoras..." Vendo-a, revivo, extático e emocionado, os lances afogados dessa outra mocidade morta, a tua, que passou como um sonho que nunca mais volta, sumido nas dissidências dos amargores supremos, a colástrão das ilusões mais queridas. Evoco, revolvendo estas páginas, a glória desse tempo de câmaras, sob o tumulto do êxito, quando ainda não se pedia nas cabriolas do destino, e se tem a vertigem das primeiras vitórias no aplauso alucinado das turbas e na languidez misteriosa do primeiro olhar de mulher, que para nós se volta, simbolizando o desconhecido, sob secretas atrações. A Exedra, "ô das lembranças passadas amados..." o primeiro sonho desmoronado, e que eu recusitei hoje, com a idéia da morte a insular-me das contingências da vida. Relendo-a, nesta hora de torvos pressúgios, vejo-te hirtó, gélido, os olhos vidrados, emparedado no silêncio eterno do féretro, irremediavelmente morto, arrastado para o vago e para o indefinido, impellido para a noite eterna, exilado de nós, isolado do mundo, na imobilidade do supremo êxtase... E como eu compreendo a dor do teu derradeiro instante... E que afinidade inextinguível a tua com esse rosto dolorosamente incompreendido de Camão, da Mocidade morta, auto-biografado pelo grande artista, generoso e infeliz, que foi Gonzaga Duque, — "só! só! sem camaradas, desviado da farandola boêmia da mocidade, que vem pela alegria, a pandeiar ilusões, a cantar madrigais, às feiras gritalhonas e cubicosas da vida..."

Atira a Exedra. Apago a luz. Meia noite. Tenho a impressão do nada incognoscível. Persuado-me de que não vai voltar...

A terra das ilusões...

Nela, sem que nunca o presentisses, abriu-se o teu túmulo. Buscaste-a voluntariamente. Mas depois de saber-lhe o tamanho das perfidias, não fugiste à tentação. E porque não fugiste à serpe conhecendo-lhe os instintos sombrios, foste enroscado nos seus torcícolos colubinos. Desgraçado amigo! Quizeste, no teu enlevo de visionário, através de teu louro sonho

"Morrer! e ser lançado ao mar, no mar do Oriente.

No teu dorso senil, ondas do mar Vermelho...

O delírio da febre!

Neste dia de chuva, sob um céu de zarcão, vindos da festa natalícia de um poeta nosso, trazendo nos ouvidos o rumor sonoro das últimas estrofes, voltávamos à mesa atoados da melancolia da dia invernosio. Penetrámos no gabinete. O studio, em desordem, resentia-se de nossa ausência. Sobre a mesa, entre papeis revoltos, livros semi-abertos, notas a lapis, e taciturno, o busto de Léon Diex, num socle de terra-cota. As estantes, fechadas, atulhadas de livros, tinham a gravidade de estátuas, e na parede, em face às janelas escancaradas, que davam para o rio Negro, e por onde se escoava a última rêssea de luz crepuscular, entre panóplias e rebabões de tarsia, fazendo ressaltar com um pastel de Saffiot, linda cabeça de virgem sarracena, engrinalhada de cabelos de ouro, — a cópia impressionante de um baixo relevo de Cettignano, Héros Inconnu, soberbo na majestade do seu porte. No alto, a crayon, santificando austeridade daquele ambiente, o retrato da senhora

Emília Balbi, com seus grandes olhos negros, doleiros e pensativos, e a névoa de um sorriso de infinita meiguice a lhe aflorar dos lábios.

Deitado sobre a poltrona, cociando o bigode ralo, trazio em cogitações, olhando as espirais de fumo do cigarro, o espirito vagando ao longe, completamente absorto, Balbi tinha vincos de desalento na face triste. Fingi não reparar-lhe a comea. Reli, sem compreender, lombadas de livros. Deves-me desinteressado, examinando o pastel do artista francez. De repente, inquieto, não me contive:

— Em que pensas, homem?!...

Balbi levantou-se, resolutó:

— E' definitivo. Vou ao Acre. Acabo de receber um radiograma. Tenho a minha palavra empenhada.

Sorri, incrédulo, à expressão categórica de suas palavras. Naquela conjuntura e dada a delicadeza de sua situação íntima parecia uma fuga. Não me conformava com a estupidez daquela súbita decisão que se me afigurava irrevogável. Partir, naquele momento, a esposa irremissivelmente condenada, sob o cilício de enfermidade cruel, e esse golpe da separação desfechado assim, desapiedado, e o seu remorso, e a sua consciéncia... Que loucura! Propuz soluções novas ao problema de sua vida, tentei convencê-lo da inutilidade da iniciativa. Viver na selva, desafiando riscos e intempéries, isolado, entre estranhos. Estava irredutível. Precisava sair. Tinha que se ausentar nem que fosse por pouco tempo, mas era imprescindível essa viagem.

Aventurei de novo, convencido da lógica fatal deste último argumento:

— Olha que não encontrarás com vida dona Emília...

Foi rude a investida. Olhou-me, acabrunhado, erguendo-se da poltrona. Que mistérios imperscrutáveis agitam aquela alma! Passou no studio, de lado a lado nervoso, o rosto contraído num imperceptível rictus. Estacou em frente ao retrato, fitou-o demoradamente, e depois, célere, como tangido por uma impulsão estranha, procurou a entrada e desapareceu, descendo a escada, precipitadamente.

Hoje, escrevendo estas memórias, com que carinho e desconforto releio a sua carta, vinda do Acre, seis meses depois do desastre de sua partida. A senhora Balbi já era morta. Transcrevo-lhe, textualmente, os períodos amargos:

"Ainda estou estonteado com o rude golpe que o destino me desferiu. Ainda não tenho perfeita a consciéncia do meu ser, preso como me acho á sensação viva do meu aniquilamento. Para cúmulo do meu infortúnio, o desespero íntimo, tenaz, indominável de seguir ás carreiras para si, de abandonar tudo, constituintes, interesses, situações indefinidas, e sentir-me ao mesmo tempo chumbado ao solo, preso aos compromissos de minha palavra. Não posso imaginar o dia de minha alforria. Creio, porém, que só em fevereiro poderei si estar. Sou um enclausurado neste êrmo, sem dedicações, sem amigos, quasi selvagem, condição a que fui levado por necessidade profilática, por higiene pessoal. Nada tenho feito. Mas não irei a Manaus sem solver meus compromissos. Prefiro morrer em caminho. O Acre é uma grande ilusão..."

E continuava assim, nesse diapásão doloroso. O Acre é uma grande ilusão! Desafortunado amigo! Tarde de mais o reconheceste...

Um talento dispersivo.

Em volume, para que fosse a catedral do nosso culto, o missal de marfim antigo onde a mocidade contemplasse os esplendores da Religião da Beleza, do mestre nada ficou. De sua glória, para o julgamento dos pósteros, quasi nada... Papeis velhos, artigos de jornais, ensaios, crônicas de atualidade, artigos de polémica, — a maioria de suas campanhas publicas, versos aqui e acolá, epigramas, sátiras, estudos filosóficos, correspondências literárias e, em folheto, o célebre Discurso, proferido no Recife, quando orador de sua turma, de êxito sensacional, que perdura até hoje. Mas para a documentação evidente do potencial de sua força, em uma obra de pesquisas científicas, vasada nos recursos inexauríveis de sua cultura, e que desse exatamente a idéia de quanto era capaz aquela inteligência, servida por instabilidade tão sólida; em uma obra, como êle planejava, onde se estudasse a evolução do pensamento moderno, e, à guisa de critica, no sabor de comentários filosóficos, fossem discutidos, analisados, interpretados os fenômenos sociais; um livro de doutrinas e de idéias que bastasse para a consagração de um nome e que surgisse como o documento vivo do seu saber enciclopédico, uma obra, assim, — pela sua vida de alternativas dolorosas, de contingências amarguradas, semelhantes, na luta desastrosada pela subsistência, — não chegou a realizar o mestre. Não se cuida que para esse fracasso tivesse havido desfalquecimento de energias. Forte, enfrentando os revezes corajosamente, de uma vontade indomável, entrafueciam-no as arestas anfratuosas de um talento desparado, que concebe e não realiza, talento de impulsos e de ousadias, mas sem medida, sem constancia, sem tenacidade, num eterno desequilíbrio, estiolando-se à mesa dos cafés, nas horas vagabundas do bilhar, perambulando, criminosamente, despreocupado da glória, indiferente às responsabilidades do futuro. Não raro, na intimidade dos amigos, no entusiasmo efêmero de suas palestras cintilantes, — Balbi era um conversador surpreendente que hipnotizava pelo encanto e pelo ritmo das observações — a imagem estava-se arroiada, e, de sonoridade em sonoridade, de deslumbramento em deslumbramento, construía os planos maravilhosos do edificio de sua obra, sem esquecer detalhes minuciosos, compenetrado de sua visão de arquiteto espiritual, empenhado nas maudências extremas para a majestade hierática do conjunto. Tenho ainda nítidas na memória as suas palavras persuasivas, esboçando-me as linhas gerais de um estudo experimental, de proporções grandiosas, em contraposição às idéias de Hæchet-Sonplet, expendidas na Genese dos Instintos. Esse trabalho nunca foi executado. A êle eludi, certa vez, alguns dias antes de sua partida. Sorriu, contrafeito, alegando falta de tempo. A verdade é que mergulhava em Balbi, releve-me o em go e mestre a severidade deste julgamento póstumo, — a perseverança no esforço, que redundava em lastimosa incapacidade produtiva. Arrebatado temperamento de prosador, com um estilo personalíssimo, a estrutura de sua prosa era inconfundível. A superior força de sua vernaculidade exigente, temperada nos efeitos de nossa lingua, ressuía o sabor ático de uma elaboração bizarra, de harmoniosas orquestrações e contrastava com o arcaísmo sobrio da convencionalidade etiquetista. Perpetrava a crônica com a mestria de um Lavedan. Conhecia-lhe os segredos, imprimia-lhe à vontade a tonalidade e a amplitude que desejava. Impressivo na análise dos acontecimentos, que condimentava com a sua vis satírica inexecvel, a crônica de Balbi, palpante, viva, sugestiva, era um

repositório de ironias corrosivas que se transmudavam em fino humour, fôcando, em flagrante, os homens e as coisas de seu tempo. Don Pelayo, Emilio Reis, J. Tissot, sob antigos pseudônimos, denunciavam-no desde logo, por não conseguirem dissimular os lampejos geniais do mestre. Poeta admiravel, emancipado de escolas, rebelde a quaisquer influências, é da Pira de Pedro, talhada em moldes parnasianos, que esta é sua iniciação. Como, porém, em presença de sua obra poética, tão desordenada e tão fragmentária, e nesta página arrancada a um memorial de lágrimas, sem nenhuma intenção critica, tentar um estudo sobre os estados de sensibilidade de sua poesia, revelando-lhe a psicologia, discutindo-lhe a estética e a forma, acompanhando, enfim, os processos evolutivos de sua arte. Os versos de Balbi andam dispersos pelos jornais, e a sua produção de hoje, formoso memorial onde o artista atizava a culminancia da perfeição, essa foi com êle, nessa malograda aventura do Acre, que lhe custou a vida, e sem dôvida desapareceu, para a futura glorificação de outro nome... Nada escapou do formidável sossóbro. De sua obra, originária da prodigiosa operosidade de outros tempos, das tradições de cultura de seu nome vitorioso, que era um bálsamo de fé para a mocidade sonhadora, só isto — estigmas apagados, fragmentos transviados, papeis bolorentos caídos no olvido, e a lembrança comovida dos amigos, os solitários pegureiros do ideal, que contemplam estas ruínas como se fossem os derradeiros escombros de um templo que desabasse sepultando com êle religiões antigas e civilizações desaparecidas.

Do mestre pôde-se dizer, com propriedade, o que diz Junqueiro, referindo-se à obra fialhesca: "De metade de um bloco de marmora fez Beleza. A outra metade estilhaçou-a e converteu-se em pó."

Grande Balbi!

A última vez que o vi, quando o acompanhei por toda parte até dizer-lhe o derradeiro adeus (e nunca me surpreendeu o presentimento trágico de ser esse o último) foi no dia da sua partida. A viagem era definitiva. Ninguém o demovera. Seguiu resolutamente para o país da ilusão e da perfidia, tangido por inadiáveis compromissos, levado pela angustia de uma posição inaventável, desprovido de recursos, na iminência de afrontosas humilhações. Poeta lhe importava partir abandonando a esposa, filhos, amigos, posição, proventos futuros que nunca chegariam, sacrificado à sanha dos revezes políticos. Coragem lhe não faltava para essas lutas, nem se sentia abateido pela tortura da contingência. Todavia desnorteava-o, confrangendo-o, esse ambiente pesado de opressões morais de toda sorte, que o esmagava, que lhe tirava a alegria de viver, contraindo-o à aventura, sem remeter-lhe as consequências. Mas, nessa noite de inquietações e de pezares, o que minava essa alma intrépida que jamais na vida se arreccariara dos perigos, era a dolorosa certeza de partir, com rumo incerto e destino ignorado, e nunca mais ver, nunca mais! a companheira abençoada de tantos anos de felicidade e de infortúnio, a doce companheira que compartilhara com êle as alternativas da fortuna mundaz, estuante e fêlta, nos dias ensolarados do triunfo, e apertando-o no peito, comovida e soluçando, as amargens da derdita... Essa, que foi a mais amada de todas as mulheres, aí se ficava, sem poder segui-lo onde uma vez, lancinada no seu abandono, e presa ao leito, immobilizada, errante na sua dôr, livorescida na sua agonía, corroida pela enfermidade terrível que dias

depois lhe fechou os olhos. Era a perspectiva desse transe que o combalia, desarvorando-o; e, quando á noite, faciturnos, regressavamos á casa, o suplício de vê-la de novo e ter que partir, retardava-lhe os passos. Vi-o á porta, cambaleante, rechassado, os olhos marejados de lágrimas.

— Ah! meu velho, que horrível provação! E' a, peuz hora de minha vida...

Entrámos silenciosos. Vi-a de longe, no seu leito de morte, os olhos parados e cheios de angústia, as faces lívidas, um sorriso doloroso esvoaçando dos lábios desmaçados... As eternas oscilações da alma!

Não quiz vêr o resto. Fugi. Fui esperá-lo na praça

em frente á igreja, olhando a baía deserta. No céu, lavado de bistre, palpitavam as primeiras estrelas. Minutos depois, vi que voltava, espectral, sombrio no seu mudo desespero, as pernas trôpegas, sem poder articular palavra.

Oíhei-o, comovido. Apertei-o com força em meus braços. Tentei consolá-lo.

Murmurou-me ao ouvido, com voz embargada:

— Tú não imaginas a minha angústia! Acabo de abraçar um cadáver...

Chorava convulsivamente.

Só então reparei que eu também tinha os olhos arrastados d'agua.

(Do livro "Figuras & Sensações", de Pericles Moraes.)

